

Título da comunicação: Formar humanistas digitais: da utopia à realidade

Resumo:

Existirá o Humanista Digital? Qual o seu perfil? Será o investigador em Ciências Sociais e Humanas que usa ferramentas tecnológicas para realizar as suas pesquisas? Será o informático que desenvolve novos produtos que têm impacto no nosso quotidiano? Em princípio são estas as imagens que, no início, associámos às Humanidades Digitais. A verdade é que, na actualidade, os casos de sucesso neste domínio, não configuram este ou aquele perfil, antes privilegiam uma imagem multifacetada muitas vezes obtida pela formação de equipas com diferentes competências e que se complementam.

É uma área em desenvolvimento no nosso país cujo carácter “poliédrico”, com vértices, arestas e faces, transpõe a tridimensionalidade típica dos sólidos geométricos para as condições de produção de informação, da divulgação dos conhecimentos e do aproveitamento do domínio digital.

Poder-se-á formar o Humanista Digital? Este tem sido um grande repto para universidades e centros tecnológicos oscilando entre duas abordagens: levar as gentes das “Humanidades” a saber trabalhar e interagir com as gentes do “Digital” e/ou levar as gentes do “Digital” a saber trabalhar e interagir com as gentes das “Humanidades”. Idealmente, o Humanista Digital será o que resulta desta dupla colaboração. Não abundam, no entanto, experiências de formação a longo prazo. O modelo que mais se encontra tem a ver com cursos de objectivos muito específicos, mais focados na tecnologia e no domínio de ferramentas e produtos, com vista ao desenvolvimento de novos projectos. As comunidades científicas e técnicas agrupam-se por áreas, como Linguística, Literatura, História, Arqueologia, Geografia ou a Arte, por exemplo, divulgando novidades virtual ou presencialmente em eventos e publicações de distintos tipos. É um universo ruidoso, poroso, em constante actividade e mudança, onde temos sempre a sensação, por um lado, do “déjà-vu”, e, por outro lado, da impossibilidade de estar actualizado.

Há, porém, um lastro de informação que, nas Humanidades, se procuram moldar ao digital e que nele encontram potencialidades que podem e devem ser exploradas. Grandes massas documentais guardadas em arquivos e bibliotecas, objectos a duas ou três dimensões que se guardam em museus estão entre os principais beneficiários das aplicações digitais quer para a concepção de produtos destinados à comunidade científica quer à fruição pública.

Vale a pena, neste contexto, procurar formar o Humanista Digital? Assim foi entendido pela Universidade Autónoma de Lisboa e o objectivo desta comunicação é dar a conhecer o projecto de Pós-Graduação em Humanidades Digitais que vai arrancar no ano lectivo de 2016/2017. O pressuposto de base é o entendimento das Humanidades Digitais numa visão holística que ultrapassa largamente a mera transferência do analógico para o meio digital, centrando-se no desafio epistemológico e na articulação entre os conhecimentos e os métodos utilizados nas ciências humanas e o mundo digital. No estabelecimento do curso privilegiaram-se as unidades curriculares que têm uma relação mais directa com as ciências da informação, numa óptica de 1) criação de competências em curadoria digital para arquivistas, bibliotecários e museólogos 2) uso de ferramentas digitais num entendimento que envolve a gestão dos ciclos de vida da informação de interesse histórico e social e a sua preservação 3) percepção de uma nova visão do “humanismo” e do “digital” na relação entre diferentes comunidades de interesses e na difusão de produtos para diferentes públicos-alvo. Para além das unidades curriculares, o curso abrange um conjunto de 14 seminários de curta duração onde serão apresentados projectos de sucesso no âmbito das Humanidades Digitais e haverá lugar a debates sobre políticas, modelos, tecnologias e produtos.

O curso visa desenvolver e aprofundar a formação de profissionais aptos a desempenhar tarefas nos domínios das indústrias criativas, das bibliotecas, arquivos e museus, da história das culturas locais, da história da arte, da cultura visual, do património, bem como da gestão cultural, do marketing cultural e das tecnologias de informação aplicadas ao ensino e à divulgação cultural, com o objectivo de atender às necessidades profissionais atuais.

No limite, e para que se possa passar da Utopia à Realidade, pretende-se que o curso conduza à aquisição de conhecimentos, estimulando num quadro de interdisciplinaridade e polivalência, o pensamento criativo, a capacidade de investigação científica, a detecção de oportunidades de intervenção e o empreendedorismo na elaboração de projectos orientados para a qualidade e excelência.

Notas biográficas:

Dália Guerreiro

Universidade de Évora, CIDEHUS-EU/FCT, Portugal

dguerreiro@uevora.pt

Doutoranda em Ciências da Informação e da Documentação pela Universidade de Évora; mestre em Estudos de Informação e Bibliotecas Digitais, pelo ISCTE-IUL; pós-graduada em Ciências da Informação e da Documentação, variante Bibliotecas, pelo ISLA – Universidade Europeia; licenciada em Física, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É membro integrado do Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora/Fundação para a Ciência e Tecnologia, como investigadora no grupo Literacias e informação textual (CIDEHUS-UÉ). É bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Integrou a equipa que iniciou e desenvolveu o projeto da biblioteca digital na Biblioteca Nacional e, na DigiCult-Produções Digitais, de que é sócia, tem realizado a metacodificação e edição digital para as bibliotecas digitais da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra, entre outras. Autora do blogue científico [Bibliotecas e Humanidades Digitais](#) e sócia fundadora da [AHDig](#) (Associação das Humanidades Digitais). Administradora da página no Facebook [Digital Humanities, Humanidades Digitais](#)

Fernanda Maria Guedes de Campos

CHAM – FCSH/UNL e UAç

fmgcampos@netcabo.pt

Licenciada e Doutorada em História (FCSH-UNL) e Pós-Graduada em Ciências Documentais. Investigadora integrada do CHAM –FCSH/UNL e UAç, no Grupo Leitura e formas de escrita, desde 2014. Integrou a Biblioteca Nacional de 1978 a 2013 tendo desempenhado funções de Subdirectora entre 1992 e 2006. Nesse âmbito, coordenou, entre outros projectos, a Biblioteca Nacional Digital. De 2007 a 2013 desenvolveu o projecto “Proveniências das colecções da Biblioteca Nacional de Portugal”. Desempenhou várias funções de coordenação e presidência em organizações internacionais como: IFLA Standing Committee on National Libraries, European Commission on Preservation and Access, TEL – The European Library e CERL – Consortium of European Research Libraries. Participou em diversos projectos europeus de I&D, aplicados a bibliotecas. Exerceu funções pedagógicas e de orientação/arguição de Dissertações nos Mestrados em Estudos de Informação e Bibliotecas Digitais (ISCTE) entre 2000 e 2005 e em Ciências Documentais (UAL) entre 2007e2010. Participa regularmente em congressos, publicou diversos manuais e artigos. Recentemente publicou o livro *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015). Integra com Dália Guerreiro e Madalena Mira a Comissão Coordenadora da pós graduação em Humanidades Digitais (UAL).

Madalena Romão Mira

Universidade Autónoma de Lisboa

mmira@autonoma.pt

Directora da Biblioteca, responsável pelos serviços editoriais e prestadora de suporte técnico a investigadores na Universidade Autónoma de Lisboa.

Copy desk e consultora editorial, integra os Conselhos Editoriais de três revistas científicas. Mestre em Ciências Documentais, com interesse em TIC, HD, edição, marketing e sistemas anti-plágio.